

CONFLITOS ÉTNICOS NO CINEMA: REFLEXÕES NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.

Evaldina RODRIGUES

Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão
FECILCAM-PR e Mestranda em Educação - UEM

Teresa Kazuko TERUYA

Universidade Estadual de Maringá – UEM – PR

RESUMO: Este trabalho apresenta uma possibilidade de ação pedagógica para lidar com a violência e o preconceito que se manifestam nas instituições escolares, a partir das em uma dimensão social e cultural do materialismo histórico. A violência na e da escola é um fenômeno mundial e está relacionada a uma série de fatores históricos e culturais. Para contribuir com esse debate, propomos refletir sobre a seguinte questão: Qual a didática possível para lidar com os conflitos étnicos na sala de aula? Foi selecionado o filme *Escritores da Liberdade*, como fonte de pesquisa, porque suas imagens trazem cenas de violência entre jovens de vários grupos étnicos envolvidos em gangues que se matam frequentemente. Baseado no relato de experiência de uma professora, essa narrativa propõe uma intervenção pedagógica a partir da prática social de seus alunos, problematiza essa prática e encaminha uma atividade livre para escrever sobre qualquer coisa em um diário. Aos poucos, a professora conquista a confiança e o respeito de seus alunos ao mostrar caminhos que levam ao conhecimento de si mesmo e sujeito de reflexão. A escrita dos alunos não apresenta nenhum resultado de cunho transformador imediato, mas é o início de um processo de mudança, que vai além da obediência e disciplina. O mérito da produção textual é apontar um encaminhamento educativo, cognitivo, afetivo e reflexivo diante da vida, tomando como ponto de partida o conteúdo substancial da prática social do aluno, com a finalidade de abolir os preconceitos. Dessa forma, o educador e o aluno participam em comunhão do mesmo processo educativo ao trazer o conteúdo e a substância crítica para o entendimento de si e do outro.

Palavras-chave: Mídia na educação, formação de professores, produção de textos, Relações Sociais.

Introdução

A organização a escola a partir do final do século XIX assumiu uma função de grande importância na formação de trabalhadores para o mundo urbano e industrial. Ao longo do século XX, houve uma crescente expansão da instituição escolar e junto com essa expansão vieram também os problemas que permeiam a educação no Brasil. Tal

qual a sociedade, a violência está presente no cotidiano escolar e preocupa os pais e os educadores, diante das estatísticas da violência entre os jovens.

Os dados do Cartório Chefe da 16ª Subdivisão Policial da cidade de Campo Mourão, no estado do Paraná, indicam que os homicídios de jovens entre 16 e 24 anos no ano de 2006 foi de 26 mortes, mais de 2 ao mês; no ano de 2007, até 22 de novembro, somou mais 15 mortes. Todos esses jovens assassinados viviam em condições precárias e pertenciam às famílias de baixa renda, cujo nível de escolaridade limitava-se ao Ensino Fundamental incompleto, sendo a maioria, filhos de pais separados. Nesses casos, quando um dos cônjuges se casa novamente, os filhos raramente estabeleciam um bom relacionamento com os padrastos ou as madrastas e muitos saíram de casa prematuramente e entraram no mundo da criminalidade. O que desafia a nossa reflexão é a proximidade de tempo entre a passagem dessas pessoas na escola e a vida no trabalho.

A escola tornou-se um espaço de apropriação do conhecimento científico e, segundo Vigotsky (2001), o objetivo da educação escolar é, dentro de uma concepção rigorosa, planejar e intervir no desenvolvimento natural do ser humano.

No mundo do trabalho, as tecnologias chegaram para serem incorporadas na produção e os operários estão sendo substituídos pelas máquinas, pois, segundo a lógica do capital, por meio das máquinas é possível produzir mais e com menos custo. Conquistamos a alta tecnologia que produz praticamente tudo que é necessário à existência humana mas ainda milhões de pessoas vivem na miséria. Por exemplo, a tecnologia produz uma mão automatizada que permite ao deficiente físico o movimento de pinça, segurar uma caneta e cumprimentar. Ao mesmo tempo convivemos com os noticiários de crimes de toda ordem, não poupando adultos, crianças, mulheres e idosos, além de milhares de pessoas desempregadas e famintas.

A violência entre crianças, seja ela simbólica ou não, é quase imperceptível aos olhos do professor; e os rótulos destinados aos alunos de comportamento acanhado ou àquele aparentemente agressivo, insolente, malvado e indisciplinado, independem da vontade do educador.

Aqui, cabe ao educador analisar a comunicação falada e escrita do aluno para identificar a violência. É na fala que podemos denotar uma agressividade acima do que é considerado comum entre as crianças. Na visão vigotskiniana, a agressividade é uma

Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino : Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas [recurso eletrônico] ENDIPE. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.

construção social. A subjetividade e a individualidade são configuradas pelas relações sociais de trabalho. Isto quer dizer que o desenvolvimento de funções psíquicas superiores como a consciência e a individualidade se consolidam de forma contínua na relação com o outro indivíduo (LEONTIEV, 1959).

Apoiado no enfoque sócio-cultural, analisaremos uma representação dos conflitos étnicos vividos na sala de aula de uma escola pública no filme: *Escritores da Liberdade*. A tendência de naturalizar o preconceito oriundo do etnocentrismo que divide a sociedade entre os grupos de brancos pertencentes a raça superior em relação as outras etnias compostas especialmente de negros e latinos, incluindo também os orientais, estão nas bases da produção da violência. Qual a didática possível para lidar com os conflitos étnicos na sala de aula?

A Prática Social dos alunos e a concepção pedagógica da escola pública do filme *Escritores da Liberdade*

O filme *Escritores da Liberdade* foi baseado no livro *The Freedom Writer's Diaries: How a teacher and 150 teens used writing to change themselves and the world around them* escrito por Erin Gruwell, uma professora do ensino médio norte-americano, que relata sua experiência com seus alunos considerados difíceis e problemáticos. O filme foi lançado nos EUA em 05 de janeiro de 2007, sob a direção e roteiro de Richard LaGravenese. Em seu enredo traz cenas de violência entre jovens de vários grupos étnicos envolvidos em gangues que se matam diariamente. No filme, a professora Erin trata os seus alunos de forma diferente dos demais professores e começa a conquistar cada um ao escutar suas histórias de vida. Sua intervenção pedagógica se inicia com prática social dos seus jovens alunos, problematiza essa prática, propõe que cada aluno escreva livremente sobre suas vidas em um diário e, para romper com a ignorância, indica os caminhos para o mundo do conhecimento que pode elevar a auto-estima e o espírito. Para instrumentalizar sua ação pedagógica, a professora começa pelo estudo do livro *Diário de Anne Frank* e leva a turma para o museu sobre o Holocausto, a fim de visualizar aspectos do racismo que dizimou milhões de pessoas e compreender melhor o sentido de suas próprias vidas.

O discurso contemplado no filme nos remete a uma reflexão sobre preconceito e violência que preocupa a comunidade escolar. Nossa análise da narrativa fílmica será efetuada por blocos.

Primeiro bloco de análise. O primeiro bloco abrange o momento de apresentação da nova professora Erin Gruwell na escola até o primeiro tumulto dos alunos. Ao se apresentar à coordenação da escola pública a nova professora é informada que terá quatro turmas e um total de 150 alunos entre adolescentes e jovens. Alguns vindos do reformatório. Diante desse quadro, a coordenação propôs uma revisão seus planos de aula, considerando as notas baixas dos alunos, o vocabulário, o tempo de noventa minutos que levam no trajeto de casa ou do reformatório para chegar até a escola.

Há dois anos, a média do desempenho acadêmico dos alunos eram as mais altas do município, entretanto, por causa da inserção voluntária de integração, a escola perdeu 75% dos melhores alunos.

A primeira vista, a sala de aula apresenta condições deploráveis em relação às carteiras, armários quebrados, paredes sem pintura, sem nenhuma característica de sala de aula. Os alunos chegam atrasados e ignoram a presença da professora na sala. Um aluno, referindo-se à professora, diz: - essa não vai agüentar nem um mês.

Os grupos se juntam na sala, agressivamente e expressam palavras de rejeição para seus pares, como “burro”, “branquelo”. Com dificuldade, sob respostas impulsivas e agressivas a professora conseguiu apresentar-se, dar as boas vindas e fazer a chamada. Há um tumulto, um aluno exhibe uma arma para proteger-se, a professora pede auxílio para contornar a situação.

Percebe-se que para a coordenação pedagógica da escola, os problemas sociais, econômicos, lingüísticos são determinantes do baixo rendimento e daí a adequação de um planejamento compensatório para esse alunos. Essa concepção de mundo, de homem e de educação produz tensão ao processo de humanização da escola e pode impedir a iniciativa de professores que querem ousar. Possivelmente, o município tenha a mesma concepção educativa da coordenação da escola, pois as condições materiais da mesma retratam isso nas carteiras, nas paredes, nos armários.

O início da aula com atraso, a resposta agressiva da aluna, tudo retrata o desinteresse dos alunos causado pela troca constante de professor. Essa troca está

relacionada aos princípios errôneos de integração: o aluno tem que se adaptar à escola e não ela ao aluno.

A organização dos grupos com os mesmos alunos todos os dias, o tumulto iniciado a partir de rótulos e apelidos não são considerados sintomas de rejeição entre eles próprios. A pronúncia do nome sem levar em conta a origem da escolha denota falta de respeito com a identidade do aluno. Qual é a idéia que o professor faz ao perceber uma arma na cinta de um aluno? Ele pode ver diante de si um assassino, um viciado, um ladrão, um traficante, mas também pode ver um aluno que quer se defender.

Segundo Bloco de análise de dados. A intenção de ensinar ao aluno o amor à Pátria aparece no hasteamento da bandeira americana; recomenda-se à professora não usar o colar do pescoço; a classe de notáveis é para professores com mais tempo de casa; a professora pede auxílio a outro o professor de Inglês para adotar livros clássicos que propicia leituras atualizadas aos alunos; a aluna Eva pensa se vale a pena continuar na escola porque ela tem duas escolhas: a escola ou o reformatório; a luta verdadeira deve acontecer aqui na sala de aula; o professor do 2º ano escreve no quadro de giz “turma avançada”; o professor de Inglês comenta sobre a tranqüilidade que é lecionar para os estudos avançados do 3º ano porque os alunos problemáticos já haviam desistido; a professora ironiza: talvez no 2º ano eles façam fila na porta da sala; os alunos comentam a organização discriminatória da cidade, os guetos, as tribos, a branquelândia, e o sul das fronteiras para eles, “as coisas são assim e segue” alguém de fora nem percebe que alguma coisa ia acontecer...”; referindo-se às “gangues”, os manés querendo se apoderar do que não é deles”; a professora mostra outro tipo de agrupamento: sentam juntas as alunas, uma de origem mexicana e outra de origem coreana.

O que representa o hasteamento da bandeira na formação cidadã de educandos excluídos do direito à própria vida?

O alerta em relação ao colar no pescoço da professora denota a existência de desconfiança com base na cor da pele; o posicionamento da professora de continuar com seu colar, seus sapatos, sua roupa e sua autoridade representa uma síntese clara de seu papel como educadora, a de assumir a sala de aula como um espaço de conflitos a serem encaminhados.

A cristalização de posicionamentos preconceituosos em relação a distribuição da classe dos notáveis serem de direito dos professores mais antigos, que incluem o acesso de negros inteligentes desde que estes não fossem infratores.

A professora observa a falta de materiais de leitura na escola, mas a sua concepção de educação valoriza a leitura dos clássicos como ferramenta para aquisição do conhecimento, por isso pede ao colega para reafirmar a necessidade desses livros.

O que determina a escolha de Eva pela escola e não pelo reformatório? Seguindo a lógica capitalista, a escola não fará nada, o que se espera dela é a sua desistência voluntária. Na fala do professor de Inglês fica evidente que é melhor lecionar para os avançados, quando a turma ficaria reduzida aos bons alunos com a desistência dos alunos problemáticos. Mas a professora Erin interfere com um tom de convocação:

— A luta verdadeira deve acontecer aqui na sala de aula.

Em seguida, ela ordena outro tipo de agrupamento porque percebeu que a sala de aula reproduz exatamente os grupos das gangues, isto é, a escola é o espaço do embate social, das boas lutas e com a mesma autoridade reconstrói os grupos, sentando juntas alunas de origem mexicana e coreana, um novo jeito de agrupamento.

Com a delegação de tarefas alheias ao educar e instruir, direção da escola esqueceu seu compromisso técnico, político e humano que se encerra no conhecimento, deixando a formação de seus alunos à mercê de outras instituições como os reformatórios.

A inoperância da criatividade citada por Palangana (1998) deve ser substituída pela compreensão de si mesmo como sujeito de reflexão, no lugar da obediência a responsabilidade, o respeito, a busca do conhecimento para impedir o atrofimento da imaginação.

Desse modo, há que se ressaltar para a nova geração, que os profissionais de todas as áreas do conhecimento comprometidos com a formação da criança entendida como sujeito histórico que sofre sob o fetiche do capitalismo. Diante dessa realidade qual é o papel da escola? Qual é o papel social do aluno? Podemos afirmar que ela, a escola, presta serviço à classe hegemônica. Mesmo que para isso, afirma Adorno (2006), subjuguem a mente das pessoas de modo a não terem consciência de sua função social. A respeito disso, o autor escreve,

[...] esta deformação da vida são imperceptíveis para as pessoas, [...] são tão perfeitos, tão realistas, que o contrabando ideológico se realiza sem ser percebido, de modo que as pessoas absorvem a harmonia oferecida sem ao menos se dar conta do que lhes acontece. Talvez até mesmo acreditem estar se comportando de um modo realista. E justamente aqui é necessário resistir. (ADORNO, 2006, p.86).

Nas relações sociais do capitalismo manifestam as atitudes de indiferença diante dos conflitos étnicos e da miséria. Nesse paradoxo, a culpa é sempre das próprias vítimas pelos seus próprios fracassos. Não permite ao homem perceber os papéis sociais alienantes e alienados internalizados no decorrer da história.

Terceiro bloco de análise. Ao propor o estudo da Odisséia de Homero, o aluno associa o nome Homero ao personagem Homer Simpsons “ele era careca como os Simpsons? De novo, aula e tumulto intercalam-se.

Abrimos um parêntese para as justas lamentações da professora permitindo a indissociabilidade da pessoa e da profissional. O pai, preconceituosamente a chama professora de prisão. O Marido e o pai não apóiam a sua profissão. Mas ela assume outro emprego para comprar livros para os seus alunos e o marido a deixa.

A professora distribui um poema impresso para os alunos quando eles deparam com o texto, perguntam à professora se ela já havia dado aula antes.

Propõe a leitura e correção de frases na forma correta os alunos caem na gargalhada e ela assustada procura verificar o motivo de tantos risos. Tito havia desenhado a caricatura de um negro beijudo para provocar o aluno sentado na frente e quando a figura chega ao destino, a professora percebe e tomá-a para si. O aluno negro disse apenas “deixa rolá” para não sofrer uma pressão ainda maior.

Nesse momento, frente da caricatura preconceituosa na figura do negro, a professora recorre a seus conhecimentos de história:

- Falaremos sobre arte a partir do talento de Tito. Vi um desenho, num museu, não era de um negro. Era de um judeu com o nariz grande como um rato... era o desenho de todos os judeus... de todas as categorias consideradas inferiores. Essa gangue não era de amadores como vocês, ela dominou países e os dizimou e acabou com o orgulho e com a identidade de negros e judeus afirmando ser eles inferiores.

Alguns alunos interromperam o discurso e reagiram verbalmente contra a professora:

- Você não sabe nada.

A professora reagiu e perguntou:

- Ensina pra mim, se vocês acham que para negros e cambojanos é importante pertencer a uma gangue?

É possível que a gangue seja o reflexo do sistema maior de poder. Nela cada um exerce um tipo de poder. Na ausência de uma reflexão com base no conhecimento, é natural oprimir, competir e vencer pela força, pois é esta a mensagem passada pela mídia.

Eva reage e veemente acusa a professora de não conhecê-los, de não conhecer a dor que sentem, e perguntam se deveriam respeitá-la porque é professora.

- Como saber que não é mentirosa? Os brancos querem respeito de graça, pensam que merecem tudo porque são brancos. A cor é tudo. Os policiais atirando, invadindo casas, eles podem porque são brancos. Têm que prender alguém. Prenderam o meu pai. Por que não faz o seu serviço de babá? Vida boa é só para negro que sabe hap ou é jogador de basket. Não é isso daqui, pode crer. Para nós resta morrer como guerreiros.

A professora questiona a importância da morte dos guerreiros:

- Eles apodrecerem no solo e entraram no esquecimento? Faz diferença pertencer a uma gangue?

O aluno pergunta:

- Isso que a senhora falou, o Holocausto, o que é?

A professora vai à biblioteca da escola, pega alguns livros e apresenta aos alunos um clássico de Romeu e Julieta e um condensado da mesma história e pergunta se eles sabem a diferença entre um e outro. Não. Não conhecem nada que a elite conhece.

Ao se depararem com uma letra de Reggae escolhido pela professora os alunos cantam suas próprias letras e dizem que a professora só conhece o que a mídia lhe mostra, eles conhecem coisa melhor.

Deste modo, a visão ampla da prática vivenciada pelos alunos, mobiliza a professora na busca de livros junto à autoridade competente. Sugere aos alunos a leitura da história de uma moça judia que sofreu as torturas do holocausto. Ao solicitar livros, a coordenadora pedagógica justifica sua impotência diante dessa necessidade, e diz que a integração é uma mentira.

Algumas cenas mostram alunos lendo a história e mantêm-se entretidos para conhecer os próximos episódios. A aluna Eva revolta-se com a morte da protagonista da

história. Por meio de uma dinâmica, a professora pede aos alunos para se movimentarem um passo adiante quando a resposta à suas perguntas for afirmativa. As perguntas lançadas seguiram esse roteiro:

- Você mora no conjunto? Conhece amigos presos no reformatório? Quantos estiveram no reformatório presos? Quantos estão refugiados? Quantos sabem onde arrumar drogas? Você conhece uma gang? Você está numa gang? Já perderam um amigo por causa da violência nas gangues? 2? 3?4 ou mais? Homenageiem seus amigos que já morreram.

O fracasso das atividades de escrita leva a professora que propor uma atividade livre. Deste modo, ela orienta a seus alunos a escreverem a própria história de vida em um no diário por ela organizado, e diz:

- Não tem nota. [...] Quando quiserem que eu leia deixem o diário no armário.

Na publicação deste diário tem uma sessão Pais da escola 203, nela, o aluno Bend narra a sua infância quando foi expulso de casa, junto com ele, seu amigo tinha um revólver e, por não ter consciência do perigo, acaba acertando um tiro em si mesmo. Bend fica ao lado do amigo baleado, que perde sangue até morrer. Só depois que ele morre, a polícia vem ao local. Sem entender, Bend é levado ao reformatório, perguntando quando vai sair dali e diz que trabalha por comida. Um irmão lhe diz como é a vida do negro, uma vida de sofrimentos, praticando furtos e que quando morre, será mais um cadáver. A palavra de ordem em uma gangue é:

- Proteger os meus

O filme aborda a opinião do pai e do marido da professora. Na perspectiva deles, a avaliação escolar limita-se a um trabalho exclusivo de sala de aula. Eles não conseguem relacionar a escola além de seus muros. Não compreendem que a realidade social deve fazer parte da avaliação interna e externa da escola. Diz o pai:

- Você não é responsável fora da escola [...] cumpra até o final do ano letivo [...] é só um emprego.

O marido fica indignado quando a professora trabalha também na “venda de sutiãs” com a finalidade de adquirir livros para os seus alunos.

A avaliação diagnóstica efetuada pela professora apresenta um nível infantil de leitura, porque, segundo a avaliadora, não lêem o assunto na íntegra nos clássicos. O conhecimento da história do Holocausto cria o espírito de cooperação em torno de promoções para realizarem uma visita ao Museu de Long Beach.

A iniciativa de leitura e de cooperação era acompanhada de algum comentário, ora grosseiro, ora irônico. Quando o pai da professora perguntou ao aluno se já conheciam o Museu, ele respondeu:

— Sim, claro na volta de Paris passamos lá.

Só quem domina o conhecimento das relações sociais é capaz de superar os conflitos e alcançar aos objetivos. O pai da professora ajudou a levar os alunos ao museu Long Beach, chegando ao lá, cada um pegou uma ficha de uma criança judia vítima do Holocausto, percorreu todos os programas para o conhecimento profundo das famílias atingidas pela II Guerra Mundial e verificaram se a foto de criança tinha sua correspondente na sala da saída, isto é, se estavam vivas. Tranqüilamente as normas foram seguidas pelos alunos, desde o uso de cinto de segurança até tiraram boné da cabeça em sinal de respeito.

A professora Erin, recebe uma aluna negra notável, que quer dizer inteligente, da sala dos estudos avançados porque foi movida pelo interesse em aprender coisas diferentes do filme: “Cor Púrpura”. Pede para sair dos estudos avançados e freqüentar a turma 203, de integração. O marido de pergunta à professora Erin:

— Você é capaz de ensinar alguém Inteligente?

Em decorrência da leitura do Diário de Anne Frank a professora solicita a escrita de uma carta em à amiga de Anne. Por sugestão dos alunos a carta realmente é enviada à autora e os alunos a recebem na escola, para uma visita e um depoimento de uma sobrevivente do Holocausto.

Na sociedade caracterizada pela barbárie tem apenas uma saída: encaminhar uma ação transformadora das relações na sociedade e na escola, porque é no embate das diferenças, é na ação que, segundo Saviani (2006) começa na prática do aluno, problematização, instrumentalização, avaliação e retorno à uma nova prática social. O conhecimento do aluno é a fonte do conteúdo a ser trabalhado e transformado em conhecimento científico, por meio da ação pedagógica.

Para Vigotski (2001) a ação pedagógica tem no educador o organizador das condições para que ela aconteça. Uma condição para atacar o fetiche pela raiz, é o professor situar-se como uma individualidade produzida sob a pressão do capital, pessoa e profissional na sua indissociabilidade. Antecipadamente, o mestre deve ter uma síntese teórica e metodológica coerente para entender os desafios que se apresentam no

espaço da sala de aula. Os alunos manifestam seus conteúdos por meio da linguagem, falada, escrita, pictórica, Libras ou expressão corporal, e esse saber manifesto é reelaborado e compreendido com base no conhecimento científico do educador, rumo à transformação coletiva.

Se nas interações sociais e na sala de aula, uma criança é rejeitada pelos pares, a situação deve ser problematizada com a classe. No processo de compreensão das práticas cotidianas espera-se do aluno e do educador o suscitar de identidades, isto é, perceber que o modo de produção trata injustamente todas as pessoas que ali estão e terão deste modo, a possibilidade de estender seus conceitos para situações não tão próximas de si.

Não se trata de trazer uma consciência de opressor e oprimido, mas de mostrar aos alunos a sua capacidade de manter-se instrumentalizados pelo conhecimento, pelo questionamento, pela dúvida e pela constante busca. É importante ao escolar a reflexão do pensamento de Marx (1978) sobre o homem como construtor de si mesmo

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. (MARX, 1978, p.15).

A síntese mental do aprendizado visa uma concomitância com a ação, sem correr o risco de tender para sermões ou discursos moralistas. A atividade escolar, dessa maneira, origina-se da reflexão, produz-se e finaliza na reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Escritores da Liberdade” serve de fio condutor para análise da prática docente na Educação Básica como um todo. A formação da pessoa contra a violência deve ser iniciada na Educação Infantil de tal maneira que essa formação seja exteriorizada em ações, no compromisso profissional, no desempenho caprichoso e honesto de suas funções.

A ausência do conhecimento na formação do homem os distancia de sua verdadeira natureza. As cenas do filme revelam as marcas de linguagem falada e de outras formas de expressão que estão nos objetos como o revólver.

A oralidade é a expressão de sintomas que ser for trabalhado desde a infância, podemos contribuir para evitar muitas ações de violência movida pelo preconceito. O(a) professor(a) necessita conhecer a história. Podemos dizer, de forma relativa, que o conhecimento do fato histórico e o domínio da linguagem fortaleceram o argumento da professora, a protagonista do filme, para conquistar o respeito e a confiança de seus alunos. O professor limitado ao conhecimento mínimo teria dificuldade de realizar um bom trabalho docente, porque a ausência de conhecimento da prática social de seus alunos iria truncar as relações na sala de aula e os alunos sairiam da escola sem uma formação necessária para conviver e respeitar a cultura do outro no mundo da diversidade cultural.

Portanto, os cursos de licenciatura devem formar educadores com conhecimento dos clássicos para interpretar a prática social dos alunos e encaminhar os conflitos junto com a aprendizagem dos alunos.

As práticas preconceituosas que desencadeiam ações de violência começam com pequenas expressões que no conjunto tornam o indivíduo culpado pelo desemprego e camuflam a inoperância do capital. Isso revela a constante violência simbólica na sociedade.

No filme os papéis sociais impostos pelo capital estão no imaginário dos adolescentes e dos jovens. O preconceito contra o negro está apontado nos traços físicos da figura desenhada por um aluno que passa de mão em mão para chegar até o aluno negro. Seu opressor, o autor do desenho, quer vê-lo sofrer até as últimas conseqüências, a vítima, por sua vez, diz: - deixa rolar! È a lei da sobrevivência, que impõe a aceitação passiva da própria idéia de inferioridade, determinada pela cor da pele.

Na sociedade norte-americana, na qual existem dois grupos, o do branco, chamado de branquelândia no filme, o grupo de negros, latinos e orientais, e neste grupo, aqueles que não são negros, são chamados de pardos. O preconceito da cor é explícito e se manifesta na rivalidade entre as gangues. Esse fato rende milhões de dólares à mídia cinematográfica e Hollywood sabe que tem um público garantido porque não atendem apenas à ordem vigente, mas também àqueles que são freqüentemente injustiçados.

A vida dos jovens alunos retratados no filme se parece com a vida de muitos vivem nas ruas das cidades brasileiras. Eles não vislumbram nem mesmo para a ilusão

Anais do XIV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino : Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas [recurso eletrônico] ENDIPE. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.

de dias melhores. Estão limitados a nascer, aprender a se defender e morrer cedo sem saber o porquê de tudo isso. O corte dos laços afetivos são precoces, pois logo cedo a violência invade-lhes ávida e ninguém, nem mesmo a mãe acredita na inocência de seus filhos.

A educação escolar precisa recuperar a sua função de transmitir o conhecimento ao aluno como um direito historicamente constituído, para que a escola pública conhecida como aquela que não ensina, transforme-se em um bem maior para as crianças e jovens.

O mérito deste é apontar um encaminhamento educativo, cognitivo e afetivo de forma crítica tendo como ponto de partida o conteúdo substancial da prática social do aluno, com a finalidade de abolir os preconceitos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1959.

MARX, K. O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores) 259 – 322.

PALANGANA, I. C. **Individualidade: Afirmção e Negação na Sociedade Capitalista**. São Paulo: Plexus/EDUC, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 38. ed., Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo: vol.5).

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.